

# “...Ovelhas Entre Asperas Brenhas da Infidelidade...”

## Fr. Diogo do Sacramento e os Carmelitas Descalços no Congo

### Resumo

Em 1584, e a pedido do rei Filipe II, os Carmelitas Descalços espanhóis, recém-chegados a Portugal, enviam uma missão ao Congo. Dessa missão foram deixados alguns relatos, nomeadamente epistolares, que nos abrem uma janela para Mbanza Congo e para a sociedade congoleza de finais do séc. XVI. Este artigo propõe uma leitura contextualizante de umas destas cartas, procurando salientar a sua inserção em questões históricas mais vastas.

**Palavras-chave:** Carmelitas Descalços, Congo, Missão, Mbanza-Congo, Padroado

### Abstract

*In 1584, at the request of King Philip II, the Spanish Discalced Carmelites, newly arrived in Portugal, sent a mission to Congo. Some reports were left of this mission, namely epistolary, that open a window to Mbanza Congo and to the Congolese society of the end of the XVI century. This article proposes a contextual reading of one of these letters, seeking to highlight their insertion in broader historical issues.*

**Keywords:** Discalced Carmelites, Congo, Mission, Mbanza-Congo, Patronage

Nuno de Pinho Falcão

Professor do IHL/UNILAB-Malês; Investigador CITCEM/UP.

**E-mail:** nunopinhofalcao@unilab.edu.br

## Introdução

A 14 de dezembro de 1584, no “convento de Nuestra Señora de la Concepcion en la ciudad del Salvador del reyno de Congo”, Fr. Diogo do Sacramento redigia a terceira (e última) das cartas<sup>2</sup> que conhecemos sobre a missão dos Carmelitas Descalços ao Congo.

Fr. Diogo do Sacramento (**Fray Diego del Sacramento** como o mesmo assina a carta), fora escolhido, com o título de vigário, pelo provincial Fr. Jerónimo Grácian para liderar o terceiro grupo de missionários Carmelitas Descalços enviados ao Congo, integrado ainda por Fr. Diogo da Encarnação e Fr. Francisco Indigno (SANTA MARIA, 1655, pág. 86 e segs).

A missão inseria-se no serviço áulico dos Carmelitas Descalços que, em período de definição institucional e marcado pelo recente desaparecimento da fundadora Teresa de Jesus (falecida em 1582), respondiam assim ao pedido formulado pelo rei Felipe II, recém subido ao trono português e que procurava dar providências, como novo senhor do padroado português, às constantes solicitações de missionários feitas pelos Manicongos<sup>3</sup>.

Como já foi salientado em outros trabalhos, esta missão ao Congo terá uma inserção em

diversos níveis da atuação eclesiástica e da política diplomática da Ordem do Carmo Descalço, das Coroas portuguesa e congoleza e da Santa Sé. A esta missão não coube apenas o pioneirismo entre os Carmelitas Descalços (que poucos anos depois levarão a cabo importante labor missionário na Ásia, para além de uma presença muito expressiva da América colonial espanhola), como pela mesma via irá participar da construção de uma política missionária da Santa Sé, cujo auge é a criação da Sagrada Congregação De Propaganda Fide em 1622 (FALCÃO, 2017 e NIÑO JESUS, 1929).

Atuando entre dezembro de 1584 e 1587, a missão dos três religiosos carmelitas descalços terá permanecido na memória congoleza (pelo menos das elites de poder) por algumas décadas, já que em memorial dos pedidos de Álvaro II do Congo apresentado a Filipe III, se menciona que o embaixador<sup>4</sup> vinha “...pedir-lhe [...] religiosos exemplares como são Carmelitas descalços, que iá lá estiverão e edificaraõ muito...”(citado em BRÁSIO, 1955, pág. 262).

O pedido por frades do Carmo Descalço neste memorial de 1607 foi também o resultado da atuação de um dos três missionários de 1584, Fr. Diogo da Encarnação, que tomara em mãos favorecer a embaixada de Antonio Manuel Ne Vunda à Santa Sé e o regresso de missionários carmelitas descalços ao Congo.

A atuação deste frade (que ainda pede um estudo mais aprofundado) demonstra até que ponto se mantinha vivo o interesse por esta missão entre os padres missionários, mais de duas décadas após o seu término, e de como estes participavam das redes internacionais que o Congo procurava construir com a Santa Sé (cf. FALCÃO, 2017).

Não sendo o fulcro deste texto, esta breve abordagem de enquadramento da missão dos Carmelitas Descalços ao Congo em 1584 procurou situar-nos no contexto específico de uma realidade missionária que desempenhou um pa-

1 Biblioteca Nacional de España, Manuscritos, Mss/2711, fól. 112 e 113. Impresso da carta de Fr. Diogo do Sacramento.

2 As outras duas cartas são transcritas pelo primeiro cronista da província portuguesa dos Carmelitas Descalços, Fr. Belchior de Santa Ana, na sua Crónica, traduzidas ao português (os originais seriam certamente na língua castelhana dos seus autores). A primeira, da autoria de Fr. Diogo da Encarnação, é datada de Luanda a 27 de Setembro de 1584 e descreve toda a viagem até Angola, o apoio recebido do bispo de S. Tomé, D. Martinho de Ulhoa (com quem os missionários viajaram), e o acolhimento em Luanda. A segunda carta é datada do Congo a 2 de Dezembro de 1584, e da autoria de Fr. Diogo do Sacramento, descrevendo toda a viagem entre Luanda e a capital do Congo. Cf. SANTA ANA, 1657, pág. 113 a 118 e 120 a 122.

3 Para tal basta ver as referências constantes na correspondência mantida entre os monarcas congolezes e os monarcas portugueses, essencialmente transcrita e reunida por António Brásio nos volumes da sua Monumenta Missionaria. Vejam-se em particular os volumes I a V para o período que vai até 1610 (citados na bibliografia).

4 Sobre os aspectos gerais desta embaixada e seus dois embaixadores (a Filipe III de Espanha e ao Papa) veja-se AMARAL, 1997.



pel bem mais vasto do que a simples atuação dos missionários no terreno, e de como esta pode ter múltiplos entendimentos para os diversos grupos que, direta ou indiretamente, contactaram com ela, e que ainda aguarda um estudo profundo e interconectado, que esperemos possa realizar-se agora, na eminência das comemorações do quarto centenário da **Propaganda Fide**.

O objetivo deste artigo é, neste momento, mais modesto, e propõem uma leitura acompanhada da segunda das cartas de Fr. Diogo do Sacramento, a tal que ele datou do convento de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição de S. Salvador do Congo em 14 de Dezembro de 1584.

No conjunto dos seus escritos sobre a missão ao Congo esta carta não é o primeiro documento (que será a carta de 2 de Dezembro de 1584, publicada por Belchior de Santa Ana na Crónica), nem sequer o texto mais longo e aprofundado, privilégio que pertence a uma obra que produziu após o seu regresso a Espanha, a “*Relacion del viage de Guinea que hizo el Padre Fray Diego del Sanctissimo Sacramento, con sus compañeros fray Diego de la Encarnacion y fray Francisco Indigno. Año de mill y quinientos y ochenta y tres*”<sup>5</sup>, e que se apresenta como uma obra crónica bastante relevante<sup>6</sup> e igualmente merecedora de um estudo mais aprofundado.

A carta escolhida para análise recomenda-se por um dado específico: trata-se do único dos três textos conhecidos de Fr. Diogo do Sacramento que foi destinado quase de imediato a uma divulgação alargada, ao conhecer pelo menos duas impressões em folheto<sup>7</sup>, certamente com o objetivo de servir como forma de divulgação ampliada e de promoção da atividade missionária do Carmo Descalço.

A impressão da carta permite-nos supor (e apenas supor, já que desconhecemos os números dos exemplares impressos e a sua circulação) que esta tenha tido um papel de dupla promoção dessa atividade missionária dos Carmelitas Descalços.

A sua escrita teria associada, desde o início, a intenção de promover a missão dentro do claustro carmelitano, já que Fr. Diogo do Sacramento escreve para os seus irmãos de religião, numa retórica que (como veremos) pretende convencer e servir de argumento ao debate interno sobre a vocação missionária dos Carmelitas Descalços, tema então candente (cf. FALCÃO, 2017).

A segunda dimensão de promoção missionária do texto estará na sua impressão e circulação mais ou menos alargada, o que poderá sugerir o desejo de alargar o conhecimento sobre a atuação dos três missionários no Congo para além dos claustros carmelitanos, certamente como forma de ampliar os apoios externos a esta atividade (que uma parte dos religiosos carmelitas descalços gostaria de ver continuada e aprofundada), para além de uma possível tentativa de cooptação de meios humanos e financeiros.

A carta de 14 de dezembro de 1584 tem uma outra virtualidade particularmente relevante para o historiador: se a carta de 2 de dezembro nos dá uma primeira impressão da chegada a S. Salvador (Mbanza Congo), e descreve principalmente o percurso feito entre Luanda e a capital do Congo e o acolhimento prestado pelo Manicongo, já o longo texto que Diogo do Sacramento nos deixará após o seu regresso a Espanha apresenta uma visão trabalhada pelo tempo, experiência e necessidades da política claustral que terá encontrado ao regressar e que eram então contrárias às missões, de acordo com a política do provincial (e depois primeiro Prepósito geral) Fr. Nicolau Dória (1585-1594).

A carta de 14 de dezembro retoma o conteúdo da carta de 2 de dezembro e acrescenta algumas informações. Sem deixar de ser um testemunho escrito **ao sabor da pena**, e como tal menos trabalhado pelas considerações futuras, é o mais completo testemunho produzido no terreno e depois de iniciados os trabalhos missionários.

5 Biblioteca Nacional de España, Manuscritos, Mss/2711, fól. 89 e segs.

6 Apenas como exemplo, note-se que este texto foi já usado como fonte ocasional para a história da arte africana no artigo de DELMAS, 2017.

7 Até ao presente pode-se identificar pelo menos duas edições da carta em opúsculo impresso: uma que se conserva na Biblioteca Nacional de Portugal, na secção de reservados (Biblioteca Nacional de Portugal, Reservados, RES/5672P) e a outra que está integrada em códice conservado na Biblioteca Nacional de Espanha (Biblioteca Nacional de España, Manuscritos, Mss/2711).

Ainda que seja uma janela para o Congo e Angola no segundo semestre de 1584, a carta de Fr. Diogo do Sacramento é um testemunho que depende estruturalmente do seu produtor, ou seja, não devemos em momento algum perder de foco que se trata do escrito de um frade carmelita descalço espanhol, que atuava enquadrado no sistema do padroado português, cujo conhecimento pessoal do continente africano era muito recente, e do reino congolês em particular era ainda mais recente.

A carta de Fr. Diogo do Sacramento releva a sua cosmogonia cristã e peninsular, a sua visão de mundo, a sua visão do outro, mas também o seu empenho em transmitir a ideia da bondade e necessidade da actuação missionária, procurando que a sua descrição não só informasse os seus irmãos de hábito, mas também os inflamasse, suscitando vocações missionárias. Neste ponto Fr. Diogo soma-se a uma longa tradição, anterior e posterior a si, de textos de missionários que procuravam, exaltando a missão, suscitar vocações para esta actividade específica da vida eclesiástica.

## A Carta de 14 de Dezembro de 1584

Frei Diogo do Sacramento dirigiu a sua carta aos “*Muy Reverendos Padres y hermanos en Christo*”, ou seja, ao conjunto dos seus irmãos carmelitas descalços. Começa-a mencionando que esta carta se seguia a outras, nas quais já teria dado notícia circunstanciada da viagem até aos reinos do Congo e Angola<sup>8</sup>. Não se exime, no entanto, de repetir as informações mais relevantes dessa viagem.

Os frades terão partido de Lisboa a 10 de abril de 1584, na nau em que viajava o novo bispo de S. Tomé, D. Fr. Martinho de Ulhoa, professo da Ordem de Cristo, e que estava integrada na armada que levava o novo vice-rei da Índia D. Duarte de Meneses.

8 Como, de facto, testemunham os textos da sua carta de 2 de dezembro e da carta de Fr. Diogo da Encarnação de 27 de setembro desse ano de 1584.

Fr. Diogo descreve as dificuldades da viagem, entre as quais vê, na superação, uma possível intervenção sobrenatural<sup>9</sup>, iniciando nesta descrição da viagem a construção de uma narrativa que pretende ver, num conjunto de superações, o favor do Céu e uma possível predestinação desta missão que ele, e os seus irmãos de hábito, levavam a cabo.

Outro ponto particularmente relevante na sua descrição da viagem é a menção da nau ter escapado, junto das Ilhas Canárias, a uma frota de “tres naos francesas de luteranos”, referindo-se o autor certamente a corsários huguenotes.

A circulação de corsários protestantes no arquipélago das Canárias terá, com alguma probabilidade, recordado a Fr. Diego duas memórias, uma mais longínqua e uma mais próxima: a primeira seria a memória dos quarenta padres jesuítas (incluindo o provincial do Brasil, padre Inácio de Azevedo) que, em 1570, nas imediações das Canárias, foram massacrados pelos corsários huguenotes liderados pelo francês Jacques de Sores<sup>10</sup>.

A segunda memória, bem mais próxima no tempo e na qualidade dos sujeitos, é a dos cinco missionários carmelitas descalços que tinham antecedido Fr. Diogo e os seus companheiros na missão ao Congo. Ainda que a missão de 1584 seja a primeira missão do Carmo Descalço a chegar ao território missionário, o cronista da província portuguesa regista (SANTA ANA,

9 Em determinado ponto, ao mencionar o momento em que a nau terá estado na eminência de chocar com rochas costeiras nas ilhas Canárias, diz que alguns teriam afirmado ver Nossa Senhora sobre a nau. Desse modo o autor, sem se comprometer com um importante ponto de fé (uma visão de Nossa Senhora), não deixa de tornar implícita a intervenção sobrenatural sobre a situação aparentemente desesperada do navio, apesar de mencionar que esta se deveu simplesmente a uma alteração de ventos.

10 Sobre os quarenta jesuítas destinados ao Brasil e mortos por Jaques de Sores em 1570, e o seu culto posterior, veja-se o artigo de OSSWALD, 2008. Tinha Fr. Diogo bem claro o perigo que representava uma possível abordagem da nau por corsários protestantes para os eclesiásticos católicos que seguissem a bordo, como fica bem patente no trecho em que afirma terem sido aconselhados pelos marinheiros a retirarem os hábitos no caso do navio ser tomado pelos corsários, sugestão que teriam os frades rejeitado, bem como o bispo de S. Tomé.



1657, pág. 103 e segs.) duas tentativas anteriores: a primeira em abril de 1582, que terminou no naufrágio da nau Santo António e a morte dos cinco missionários que seguiam a bordo; a segunda em abril de 1583, novamente de um grupo de cinco religiosos, cuja nau foi abordada por “corsários luteranos”, que abandonaram os religiosos numa das ilhas do arquipélago de Cabo Verde, de onde regressaram a Portugal.

Recordando o destino dos dois grupos de missionários que os antecederam, percebemos de imediato o motivo porque Fr. Diogo relata como escaparam, quase que milagrosamente, ao naufrágio e ao aprisionamento por corsários huguenotes. O autor da carta demonstrava, aos seus irmãos de hábito, ao descrever como evitaram in extremis os mesmos incidentes que tinham condenado as missões anteriores, a predestinação deste grupo de três missionários para a sua missão no Congo.

O perigo representado pelos corsários huguenotes voltou a manifestar-se na costa da malagueta (entre a Serra Leoa e o golfo da Guiné), onde terão também lugar os primeiros contatos com os habitantes do continente, já que “venian a nosotros negros de la tierra”, para trocar malagueta com os que seguiam a bordo.

Indício da importância que já então os navios franceses tinham no comércio nesta costa (e de que o encontro com o navio corsário é também um claro exemplo), Fr. Diogo menciona o conhecimento rudimentar de língua francesa que tinham os homens que subiram a bordo para fazer as trocas.

Terão chegado à Ilha do Príncipe a 29 de junho, onde têm lugar os primeiros contactos dos padres com populações africanas convertidas ao cristianismo, que constituíam a comunidade negra (escravizada ou livre) do arquipélago de S. Tomé. Prosseguindo a viagem, alcançam a ilha que nomeou o arquipélago a 21 de Julho (“vispera de la Magdalena”).

Da sua estadia em S. Tomé, Fr. Diogo do Sacramento relata o bom acolhimento por parte dos diversos grupos sociais da ilha, do desejo da comunidade em ter convento de re-

ligiosos e mosteiro de religiosas Carmelitas Descalços, e dos possíveis frutos pastorais que o território poderia dar. Este é o ponto em que o autor começa a promover a ideia da facilidade da conversão das populações não cristãs, e a urgente necessidade de que este trabalho seja levado a cabo, e levado a cabo por carmelitas descalços.

Não sendo objectivo deste trabalho colocar em causa o testemunho de Fr. Diogo do Sacramento por simples dúvida metodológica, não pode no entanto deixar de enfatizar que o discurso deste missionário, ainda que certamente embasado em facticidade, está trabalhado de acordo com objetivos específicos: comprovar o sucesso da missão ao Congo, colocá-la numa ordem transcendental que sustente num plano superior ao humano a sua predestinação (lembrando que é um texto de um clérigo para os seus semelhantes<sup>11</sup>), suscitar vocações missionárias entre os destinatários da carta, bem como colocá-la como um documento favorável à actividade missionária no debate aberto no seio da futura Ordem dos Carmelitas Descalços.

A 2 de agosto os três missionários carmelitas descalços partem com destino ao porto de Pinda (na foz do rio Zaire), de onde tencionavam dirigir-se para Mbanza Congo, na nau capitânia da armada de Angola. Esta viagem teria sido organizada por D. Martinho de Ulhoa, desejoso que os missionários não se demorassem a chegar ao seu destino e dando por motivo principal a salubridade das ilhas.

Impossibilitada de desembarcar os religiosos em Pinda (segundo Fr. Diogo por causa da forte corrente do rio), a nau prosseguiu viagem para Luanda, onde aportou a 14 de setembro desse ano de 1584.

Depois da descrição da chegada à vila de São Paulo de Luanda, Fr. Diogo do Sacramento passa de imediato a discorrer sobre as mais

<sup>11</sup> Não interessa neste ponto discutir a sinceridade das crenças, mas apenas salientar que, de facto, o discurso de ordem transcendental é o modo como este grupo se expressa e representa entre si o seu entendimento da realidade.

recentes notícias militares do território, ao informar que a 8 de setembro o governador Paulo Dias de Novais teria entrado em batalha.

Nesta notícia encontramos em Fr. Diogo do Sacramento um émulo da tradição cronística de exagerar grandemente os números das ações militares, afirmando que o governador português com “*cien hombres blancos, veynte e nueve de cavallo e cinquenta perros alanos* [i.e. 50 cães buldogue espanhóis]”, teria batalhado contra um milhão e seiscentos mil negros, dos quais teriam morrido cem mil, em flagrante contraste com as singelas quatro baixas dos portugueses.

As inverossimilhanças dos números apresentados por Fr. Diogo, cujas motivações serão certamente claras quando lidas a par de outros casos similares, não deixa no entanto de lhe servir para explicar o motivo de terem permanecido por poucos dias em Luanda (“por causa de las guerras”), mas também motivados por ser o Congo, desde o início, o seu destino pretendido e aquele onde Filipe II determinara fossem cumprir com a sua missão.

Depois de terem estado cerca de 20 dias em Luanda, onde teriam pregado, confessado e ensinado doutrina pelas ruas, partiram os três religiosos para o Congo. Fr. Diogo afirma ter sido uma viagem difícil, pela esterilidade e aspereza da terra, mas pastoralmente rica, já que durante a viagem seriam procurados pelas populações para benzerem e para baptizarem, o que teriam feito em cerca de três mil pessoas.

Não sendo documentalmente possível comprovar estas afirmações de Fr. Diogo do Sacramento, e cientes que o exagero de números para efeitos de sustentação de um argumento ou para comprovação de uma determinada ideia proposta, era uma realidade frequente, não devemos no entanto deixar de salientar esta ideia de uma procura pelo sacramento baptismal por parte da população.

Esta informação vem dialogar com o tema mais vasto da procura de acesso ao baptismo no nas missões africanas, e o papel que lhe é atribuído nas comunidades, algo que se manterá até hoje como uma questão central na actuação missionária católica.

Outras informações veiculadas por Fr. Diogo apresentam-nos este tema do sacramento baptismal, como por exemplo quando, ao mencionar a chegada dos missionários a Bumbe, diz terem encontrado um sobrinho do Manicongo, diácono da Igreja e que tinha licença para (na falta de sacerdotes) baptizar as populações.

Trata-se de uma informação que, uma vez mais, nos remete para questões mais abrangentes do processo de evangelização do Congo, nomeadamente a complexa questão do clero congolês e da concessão de ordens sacras a membros da elite congoleza, que sendo numericamente reduzido (como bem afirma BOXER, 2013, pág. 12 e segs.), teria no entanto um papel substancial na manutenção mínima da assistência pastoral das populações, a administração (ainda que certamente irregular) de alguns dos sacramentos e participado na construção do que será um cristianismo congolês, ou pelo menos de uma ideia de ser cristão no Congo.

Segundo o autor, e apesar da licença do diácono, em Bumbe os padres teriam celebrado muitos baptizados, bem como pregado e confessado (o que implicará a existência de um número importante de baptizados, já que o sacramento da penitência apenas se concede a baptizados), querendo expor deste modo a necessidade de sacerdotes, e de sacerdotes missionários, para a execução destas atividades próprias do seu múnus.

De Bumbe os religiosos terão viajado, com o diácono, durante 4 dias até Bamba, onde terão encontrado D. Sebastião, o senhor (mani) local e uma carta do monarca (que Fr. Diogo transcreve na sua), datada de 4 de outubro. Álvaro I expressa o seu desejo de receber os missionários e informa que ordenara ao Manibamba que os acompanhasse até Mbanza Congo.

A recepção do Manibamba, que Fr. Diogo do Sacramento descreve como “*uno de los mayores señores de su Reyno*”, foi do agrado dos missionários, que durante oito dias terão novamente exercido as funções do seu ministério, confessando muita gente (“por interpretes” como afirma Fr. Diogo), e baptizando “*mas de mil almas de las aldeas al rededor*”, incluindo



velhos e velhas de mais de cem anos que não teriam sido batizados por falta de ministros.

Esta última afirmação, que uma vez mais procura reforçar a ideia da falta ingente de sacerdotes no território, coloca-nos algumas questões de veracidade, não só pelos números apresentados, mas principalmente pelas afirmação da existência de centenários sem acesso ao sacramento do batismo por falta de sacerdotes.

Ainda que, como mencionado, a falta de sacerdotes no território congolês fosse uma queixa constante nas cartas dos seus monarcas para a Coroa portuguesa, é também sabido que desde o início do séc. XVI o Congo tinha recebido diversas missões (podem-se citar os Lóios, Dominicanos, Jesuítas, clérigos diocesanos, etc.) e tinha visto a ordenação dos seus naturais em diversos graus da hierarquia clerical, inclusive até ao episcopado<sup>12</sup>.

A figura do diácono de Bumbe permite-nos supor, como afirmava Fr. Diogo do Sacramento, que existia uma efetiva falta de sacerdotes. que se deduz do facto dele ter a faculdade extraordinária de conferir o batismo; mas em simultâneo diz-nos também que continuavam a ser dadas ordens maiores aos congolezes, e que de algum modo se supria a falta de sacerdotes e garantia a manutenção de alguns dos sacramentos pela concessão de autorizações como a mencionada.

Ao historiador cabe saber ler, entre um discurso que procura claramente justificar e incentivar a acção missionária do clero europeu, em particular o da Ordem dos Carmelitas Descalços, as informações que nos revelam um território em que os processos de evangelização contam já com quase um século de existência, em que se constitui um quadro clerical com elementos locais e uma dinâmica catecumenal patente na procura do batismo.

Fr. Diogo descreve, na sequência, a chegada dos religiosos a Mbanza Congo, onde organizaram uma procissão de entrada com a imagem de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> que levavam com eles, e que seria acompanhada pelo provisor (representante do

prelado diocesano, que era o de S. Tomé, de que o reino do Congo dependia eclesiasticamente) e pelos quatro padres que com ele viviam em Mbanza Congo, reputados pelo autor como os únicos sacerdotes em todo o Congo.

A imagem e os três religiosos carmelitas descalços ficaram a residir numa das igrejas da cidade, a de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição, e nas casas contíguas que o Manicongo mandara preparar e que constituíram o convento de Nuestra Señora de la Concepcion de onde Fr. Diogo do Sacramento data a sua carta, e que afirma ser num dos melhores locais da cidade.

Fr. Diogo do Sacramento menciona que o Manicongo sofreria de problemas de mobilidade, motivo para não se encontrar pessoalmente com os missionários, tendo enviado um dos seus filhos e alguns dos seus validos para cumprimentar os religiosos, já depois de lhes ter remetido uma oferta de cabras, porcos e farinha da terra, certamente para assegurar a manutenção material dos três carmelitas descalços.

O Manicongo, seguindo uma tradição iniciada com os Lóios em 1508 (cf. FALCÃO, 2017 e FALCÃO, 2018, cap. 4.4), solicitou que os frades ensinassem gramática aos filhos da elite, para o que Fr. Diogo aproveita para pedir, aos seus leitores, o envio de livros e de professores para a missão.

Retomando as informações da situação política em Angola (onde o soberano local estava em guerra com os portugueses), Fr. Diogo diz ter recebido a informação que o Ngola tinha-se rendido ao governador Paulo Dias Novais, dizendo-se disposto à conversão ao cristianismo, ao que estariam igualmente dispostos os soberanos do Loango e o “que llaman del rio Ahorcado”, bem como os Ambundos, para o que pediriam sacerdotes. Sacerdotes pediria ainda o Negus da Etiópia (“el Preste Juan”) e o do Congo.

Com esta afirmação, que menciona monarcas não cristãos da África ocidental e um soberano cristão da África oriental, Fr. Diogo do Sacramento inicia o ponto culminante da sua carta, para onde se dirigiu toda a sua narrativa: a afirmação da importância da missão dos padres carmelitas descalços ao Congo

<sup>12</sup> Sobre o Bispo D. Henrique do Congo e a sua educação em St.<sup>o</sup> Elói de Lisboa, veja-se FALCÃO, 2018, cap. 4.4.

e a necessidade absoluta e imediata de mais missões e missionários. Mensagem esta que Fr. Diogo deixa expressa muito claramente:

*Esfuercense padres y hermanos, por amor del Senõr, a venir a trabajar en esta viña, por quien Christo derramo su sangre, que el minimo sacerdote de los que de alla viniere amigo de la pobreza de Jesu Christo hara mucho mas fructo que los que aca vienen a buscar interes, porque los negros son muy escasos y no pueden ver hombres que buscan hazienda<sup>13</sup>*

Fr. Diogo menciona duas questões que vemos colocadas desde as primeiras décadas de cristianização do Congo: a dos clérigos indignos, cujo enfoque principal do trabalho missionário é o da obtenção de vantagens materiais<sup>14</sup>, e que eram vistos como um dos principais obstáculos à eficaz conversão das populações; o segundo é a visão das populações africanas como dóceis à conversão e naturalmente boas, ainda que num estado inferior ao dos missionários.

Signo da contradição destes missionários, que afirmam a superioridade da sua cultura e fé perante uma população africana que vêm como estruturalmente boa, mas que deve ser necessariamente convertida, Fr. Diogo do Sacramento faz uma denúncia do comportamento dos europeus, nos quais descortina um conjunto de comportamentos abusivos que considera serem mau exemplo para as populações africanas e em descrédito dos cristãos, sendo que *“es gran dolor ver el mal exemplo que han dado gente blanca”*.

E na sua denúncia, com a qual procura demonstrar alguns graus dessa degeneração moral que exigiria urgente acção reparadora por parte de novos missionários, Fr. Diogo do Sacramento deixa registado numa descrição que revela brevemente a violência de uma sociedade escravista:

Ay aqui hombres que tienen mas de mil negros y negras escravas y en todo el año no les dan un bocado de pan que comer, y echanlas al campo como vacas, para que multipliquen y com todo esso han de dar cada semana un tanto a sus amos<sup>15</sup>.

Fr. Diogo do Sacramento termina então a sua carta, após uma repetida e inflamada exortação às vocações missionárias dos seus irmão de hábito, a quem promete uma terra de clima temperado como o da Espanha e fértil em conversões.

Não conhecemos cartas enviadas da missão posteriores a esta carta de 14 de dezembro de 1584, e que certamente nos dariam uma visão muito mais próxima da atividade dos missionários e do quotidiano das comunidades do que aquela que nos é dada pela **Relacion del viaje de Guinea** que Fr. Diogo virá a escrever mais tarde, já no longo distanciamento que representava a sua cela conventual em Espanha.

Como mencionado no início deste artigo, os missionários carmelitas descalços estarão no Congo até 1587, regressando a Espanha na expectativa de trazer os missionários que até então não tinham aparecido no terreno missionário. Não mais voltariam ao Congo, apesar do seu desejo contrário, como deixou registado, em jeito de epílogo, o cronista Fr. Belchior de Santa Ana:

Tornarão a Espanha para levarem della religiosos, que os ajudassem a reduzir à Fé e doutrinar nella a infinidade de gentios, que estavam mui dispostos para a receber.

E não os deixando tornar os prelados pellas razões que adiante diremos, se perdeu a missão, com grande magoa e sentimento delles, que fizeram excessos por irem buscar as ovelhas, que entre aquellas asperas brenhas da infidelidade lhe tinham ficado com evidente perigo de serem tragadas dos lobos infernaes. (SANTA ANA, 1657, pág. 123)

13 Biblioteca Nacional de España, Manuscritos, Mss/2711, fól. 113.

14 Sobre esta questão, já em 1514 o Manicongo se queixava ao rei de Portugal D. Manuel I do mau exemplo dado por alguns missionários, cujo empenho principal era no comércio de escravos e não no trabalho pastoral e educativo (cf. FALCÃO, 2018, pág. 302), queixas que se repetiriam nas décadas seguintes.

15 Biblioteca Nacional de España, Manuscritos, Mss/2711, fól. 113. Ainda que no texto o autor não diga especificamente quem são estes indivíduos proprietários de mais de um milhar de escravos, o facto da informação vir a seguir à afirmação do mau exemplo dado por “gente blanca”, permite supor que se refira a comerciantes e senhores de escravos portugueses.





## Referências

AMARAL, I. do. Relações externas congolezas na primeira década do século XVII, em tempos de D. Álvaro II: A embaixada de D. Garcia Baptista e D. António Manuel. In: FINISTERRA. **Revista Portuguesa de Geografia**, vol: XXXII, n.º 63. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 1997.

BOXER, C. **A Igreja e a Expansão Ibérica** (1440-1770). Lisboa: Edições 70, 2013. Ed. original em português 1981.

BRÁSIO, A., CSSp. **Monumenta Missionaria Africana**, vol. I. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952

\_\_\_\_\_. **Monumenta Missionaria Africana**, vol. II. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1953.

\_\_\_\_\_. **Monumenta Missionaria Africana**, vol. III. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1953.

\_\_\_\_\_. **Monumenta Missionaria Africana**, vol. IV. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954.

\_\_\_\_\_. **Monumenta Missionaria Africana**, vol. V. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1955.

DELMAS, A. *Writing in Africa: The Kilwa Chronicle and other Sixteenth-Century Portuguese Testimonies*. In: BRIGALIA, A.; e NOBILI, M., **The Arts and Crafts of Literacy. Islamic Manuscript Cultures in Sub Saharan Africa**. Berlim: De Gruyter, 2017.

FALCÃO, N. de P. As Chaves e a Espada: a missão do Carmo Descalço nas relações diplomáticas entre o reino do Congo e a Santa Sé (1582-1608). In: AAVV, **A Reforma Teresiana em Portugal** - Congresso Internacional. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2017.

\_\_\_\_\_. **Ecclesia Semper Reformanda**. A Congregação dos Lóios e a Reforma da Igreja (Itália, Portugal e África - 1404-1580). Porto: Edições Afrontamento / CITCEM, 2018.

NIÑO JESUS, F. d., Fr., OCD. **La misión del Congo y los Carmelitas y la Propaganda Fide: dos asuntos primitivos entre los misionales de carmelitas descalzos**. Pamplona: Ramón Bengaray, 1929.

OSSWALD, M. C. Aspectos de devoção e iconografia dos Quarenta Mártires do Brasil entre os sécs. XVI e XIX. In: *Via Spiritus*, **Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso**, n.º 15. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008.

SANTA ANA, B. de, Fr., OCD. **Chronica de Carmelitas Descalços**, particular do Reyno de Portugal e provincia de Sam Fellipe. Lisboa: oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1657

SANTA MARIA, F. de, Fr., OCD. *Reforma de los Descalzos de Nuestra Señora del Carmen de la primitiva observancia hecha por Santa Teresa de Jesus en la antiquissima religion fundada por el gran Profeta Elias*. Madrid: Diego Roiz de la Carrera impresor del Reyno, 1655.

## Fontes (Manuscritas e Impressas)

Biblioteca Nacional de España

Manuscritos, Mss/2711 –

- “*Relacion del viage de Guinea que hizo el Padre Fray Diego del Sanctissimo Sacramento, con sus compañeros fray Diego de la Encarnacion y fray Francisco Indigno. Año de mill y quinientos y ochenta y tres*”, fól. 89 e segs.

- “*Copia de una carta de los padres Carmelitas descalços del Convento de nuestra Señora de la Concepcion de Congo, en Ethiopia, para los padres y hermanos de su Provincia. Fecha 14 de Deziembre de 1584*”, fól 112 e 113.

Biblioteca Nacional de Portugal

Reservados, RES/5672P –

“*Copia de una carta de los padres Carmelitas descalços del convento de nuestra Señora de la Concepcion de Congo, en Ethiopia, para los padres y hermanos de su Provincia. Fecha 14 de Deziembre de MDLXXXIII*”

